

20 Anos de democracia na África do Sul: um país em crise. *Mesmo assim o ANC ganhará novamente as eleições em maio e o motivo é basicamente um só...*

Renate Tenbusch

MAIO 2014

- Passados 25 anos após o fim do apartheid, a África do Sul está pressionada contra a parede econômica, social, política e moralmente. A taxa de desemprego é a mais elevada dos países emergentes, o crescimento econômico anda baixo demais. Falhas e omissões na política educacional agravam a situação. Uma diversificação industrial real não ocorreu, matérias-primas ainda são o principal fator econômico, quando, ao mesmo tempo, o parco número de empresários das pequenas e médias empresas queixam-se de burocracia, falta de investimento e falta de mão de obra qualificada. Complexos problemas distributivos e participativos remanescentes da época do regime do apartheid estão longe de terem sido superados. As consequências da política racial continuam a repercutir, de modo que o fosso entre pobres e ricos vai ficando cada vez maior.

A escalada mais recente: Os trabalhadores, que continuam sendo explorados no regime de trabalho itinerante nas minas e fazendas, estão em greve contínua há meses e, em três das maiores minas de platina, a greve segue ininterrupta desde janeiro. Em 2012, greves espontâneas de mineiros acabaram em um massacre, no qual mais de 30 trabalhadores foram mortos pela polícia, alguns com tiros nas costas. A Comissão de Inquérito instituída é acusada de encobrir a responsabilidade do governo. O caso passou a ser um trauma por lembrar tanto o massacre de Sharville, um dos piores excessos do re-

gime do apartheid, no qual as forças de segurança mataram a tiros mais de 69 estudantes do ensino médio, fundamental e universitário em uma passeata pacífica no township (antigo gueto de negros).

Até no plano internacional, o respeito pela África do Sul e suas lideranças políticas que superaram o regime do apartheid pacificamente, esmoreceu amplamente. Tanto no contexto internacional como regional, a África do Sul tem repetidas vezes frustrado as expectativas, de ser uma potência civil em matéria de direitos humanos, multilateralismo e desenvolvimento.



ANC: do partido da libertação a um partido em crise

Até a presente data, o chefe do partido, presidente do país e candidato à reeleição, Jacob Zuma, gozava de popularidade, sobretudo entre os filiados do ANC em áreas rurais. Afinal foram as forças de esquerda, principalmente os sindicatos, que ajudaram a colocá-lo no poder em 2009. As enquetes atuais apontam, porém, para uma perda de votos na ordem de até 5 % para o partido governista, o Congresso Nacional Africano (African National Congress, em inglês) nas eleições de 07 de maio deste ano. Se alcançar em torno de 60 %, seria de longe o pior resultado eleitoral desde 1994. Após acirradas discussões na central sindical COSATU entre adeptos e opositores do presidente Zuma, o maior sindicato metalúrgico NUMSA, que agrega 350.000 membros, optou por retirar o seu apoio. Ato inédito, pois até então os sindicatos filiados ao Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos sempre cerravam fileiras com o ANC e formavam um importante fator de mobilização.

Os responsáveis pela perda de votos esperada são as chefias no governo e no ANC, em primeiro lugar o presidente Zuma de 72 anos. Mesmo antes de assumir o governo em 2009, uma acusação de estupro e outra de corrupção pesavam contra ele. Os dois processos foram suspensos antes de assumir o governo, mas durante o mandato de cinco anos, outros escândalos continuaram a estourar. Enquanto a prática de auto enriquecimento estava limitada a apenas alguns poucos políticos, que devido aos seus contatos políticos se tornaram empresários abastados, sob os presidentes Mandela e Mbeki, esta prática se alastrou em todos os níveis de governo sob a batuta de Zuma. Todos os dias há manchetes de novos escândalos: apadrinhamento, corrupção, malversação de verba pública e peculato que afetam sobretudo a população negra majoritária a qual não pode recorrer ao setor de prestação de serviços privado.

Os escândalos culminaram no assim chamado “Nkandlagate”, onde cerca de 25 milhões de euros (algo em torno de 77,2 milhões de reais) dos contribuintes sul-africanos foram gastos na reforma da residência privada do presidente. Uma investigação independente solicitada pela oposição revelou que

o presidente e sua família se beneficiaram indevidamente e que os custos das obras foram superfaturados e/ou inflados devido à má gestão. Apesar das críticas e dos pedidos, Zuma não devolveu o dinheiro público e representantes do governo, principalmente forças do aparato de segurança, tentam inclusive desacreditar a promotora pública responsável pelo relatório com uma campanha de difamação.

Analistas enxergam neste desenvolvimento um sintoma de um problema amplamente difundido, o problema das elites políticas oriundas de um movimento de libertação e que após anos de opressão primeiro pelo poderio colonial depois pelo regime de apartheid aproveitam o poder para acumular riquezas rapidamente.

Até agora, sua grande popularidade na base eleitoral negra ainda protegia Zuma e no seio do partido também era acobertado pelos seus apoiadores aos quais deu cargos no primeiro escalão do governo e da administração. Todavia, com o número crescente de escândalos e as reações brutais do aparato de segurança a manifestações ou protestos, começam a surgir dúvidas até mesmo entre seus adeptos mais fervorosos. Atitudes deste tipo foram, por exemplo, presenciadas na cerimônia oficial em memória de Nelson Mandela mostradas pela televisão no mundo todo. Enquanto o presidente Obama dos EUA foi aclamado por todos, Zuma recebeu vaias diante das câmeras internacionais. Por conta de tudo isso, o presidente passou a ser uma figura controversa no seu próprio partido hoje em dia e apesar da direção do ANC demonstrar unidade para fora, já há discussões acaloradas sobre os possíveis candidatos à sucessão nos bastidores.

Mas será que a oposição sabe fazer melhor?

Contudo, a oposição não está em melhores lençóis. O principal partido de oposição, a Aliança Democrática (ou DA na sigla em inglês) que governa a Província do Cabo Ocidental desde 2009, ainda é inegável para muitos membros tradicionais do ANC. O partido tem enviado esforços para se livrar da fama de ser o partido da maioria branca, oferecendo cada vez mais cargos no partido a jovens negros; mas mesmo assim, representa apenas uma eventual alternativa política para uma nova e ainda



pequena classe média formada por jovens negros, existente basicamente na província Gauteng, a região mais forte economicamente.

Outros partidos novos, alguns formados em parte por dissidentes do ANC, outros constituídos por personalidades famosas, como o partido Agang, recém criado por um ícone do movimento de libertação e ex-diretor do Banco Mundial, enfrentam desafios gigantescos: não lhes falta apenas uma base partidária, mas também um programa alternativo convincente. O maior beneficiado do desencanto com o ANC deve ser o representante da ala jovem do ANC, expulso do partido recentemente, que fundou o *Economic Freedom Fighters (EEF)*. Sobretudo, homens jovens sem perspectiva profissional e parte da população rural, cansados de tanta corrupção e da péssima administração dos mandatários do ANC na esfera municipal, devem dar o seu voto ao novo líder.

Porém, estas alternativas não devem convencer a maioria dos eleitores. Ainda mais sabendo-se que Julius Malema, o líder carismático do EEF, é bem conhecido pelo seu estilo de vida luxuoso e que também pesam contra ele acusações de fraude fiscal e corrupção. No conjunto, espera-se que a participação nas eleições seja baixa. Muitos, em especial, eleitores jovens, nem se registraram, outros devem aderir à campanha do “Vote Não” promovida por ex-lideranças do ANC que reivindicam uma renovação moral do partido e conclamam para um voto de protesto contra Zuma e seus correligionários.

Política governamental polêmica

O governo sob o comando do ANC está ciente dos problemas existentes no país, mas uma governança que de fato convence tem outra postura. O plano de desenvolvimento aprovado em 2013 deve criar milhões de empregos e gerar melhorias essenciais no setor da educação, moradia e saúde até 2030. Apesar do plano ambicioso estar baseado em uma análise abrangente das desigualdades sociais na África do Sul, poucos acreditam que a execução possa ser bem-sucedida. Sobretudo, o cerne da política econômica é polêmico e uns temem um intervencionismo estatal, outros a presença insuficiente do estado, dependendo da filiação política. Em particular, a esquerda tem criticado a abordagem de cunho neoliberal, cuja

meta central aposta em crescimento econômico e estabilidade financeira e coloca os interesses da iniciativa privada e dos investidores novamente em primeiro lugar. E isto, apesar da rígida política de combate à inflação e disciplina orçamentária não ter contribuído até agora para o desenvolvimento econômico da África do Sul como era esperado.

Em 1994, a África do Sul ainda tinha uma chance de enfrentar os problemas estruturais com uma política industrial e de infraestrutura para promover a diversificação e modernização. Hoje, as condições são nitidamente piores diante do acelerado desenvolvimento global.

A decisão do governo de Mandela de mudar o rumo e passar de uma política de redistribuição de renda para uma orientação econômica neoliberal foi mantida por Zuma apesar de tantas reivindicações contrárias dos sindicatos. Um reposicionamento do ANC nesta questão não é esperado para o futuro. Para tal, os interesses políticos estão próximos demais dos econômicos - e pessoais - e para o contrato social tão necessário e frequentemente invocado falta a base de confiança.

Apesar de tudo: O ANC sairá vencedor

Mesmo assim, o ANC deve mais uma vez ganhar as eleições. O motivo: Não existe outra alternativa política viável para a grande maioria da população. E, fielmente, o povo tem dado o seu voto ao ANC em todas as eleições desde a instituição da democracia, fazendo com que o partido pudesse governar com uma maioria tranquila, por vezes até de dois terços, na esfera federal e municipal nestes 20 anos. Este apoio não é oferecido por acaso: A maioria negra deve muito à aliança tripartite formada por ANC, COSATU e Partido Comunista da África do Sul (SACP em inglês), que está no governo desde 1994. O ANC não conseguiu apenas a liberdade política para a maior parte da população mas também lhes proporcionou luz, água e moradias. Ao menos, a pobreza absoluta foi combatida com sucesso com um amplo sistema de transferência social. No momento, o governo está implementando um abrangente sistema de saúde e desde que o presidente Zuma está no governo, a taxa de contágio e mortalidade pelo HIV/AIDS foi reduzida drasticamente. Os 30 % da população que dependem do regime



de transferência de renda estatal não acreditam que estes benefícios sociais continuariam a ser desembolsados com outro governo e na sua campanha eleitoral o ANC alimenta estes medos.

Falta uma alternativa política elegível à esquerda do ANC. Por isso, a maioria deve mais uma vez votar

no ex-movimento de libertação - apesar dos escândalos, erros e desvios políticos dos quais o ANC e seu atual quadro de lideranças são acusados.

Sobre a autora

Renate Tenbusch é representante da FES na África do Sul. Publicado em 28.04.2014

Impressão

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

Av. Paulista, 2011

13° andar, conj. 1313 - 01311 -931

São Paulo | SP | Brasil

Responsável

fesbrasil@fes.org.br

www.fes.org.br

O uso comercial dos meios publicados pela Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) não é permitido sem a autorização por escrito da FES.

ISBN 978-85-99138-30-4

